

CANTANDO E PRODUZINDO CONHECIMENTO HISTÓRICO: O FORRÓ ELETRÔNICO COMO LINGUAGEM PARA AS AULAS DE HISTÓRIA

Lucilvana Ferreira Barros¹
Mariângela de Vasconcelos Nunes²

Introdução

“A canção ocupa um lugar especial na produção cultural, em seus diversos matizes, ela tem o termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas, sobretudo das nossas sensibilidades coletivas mais profundas”³

Neste artigo buscamos apresentar algumas reflexões apontadas na pesquisa PROPESQ e PIBIC-UEPB ainda em andamento. O objetivo de tal pesquisa é identificar o repertório musical dos alunos do ensino médio, para a partir daí pensarmos na música como documento, recurso metodológico e artefato lúdico, para o ensino de história, considerando, desta forma, a cultura musical dos estudantes. Neste sentido, algumas atividades já foram desenvolvidas pelo grupo de pesquisa “Juventude, Música e História⁴”, todavia, relataremos apenas a fase preliminar deste estudo realizado durante o período de maio a dezembro de 2009, com alunos do primeiro ano

¹ Graduanda em História na Universidade Estadual da Paraíba- Campus III. lucilvanabarros@hotmail.com

² Orientadora. Professora Doutora da Universidade Estadual da Paraíba- Campus III. mariangelanunes@ig.com.br

³ NAPOLITANO, Marcos. **História & Música-** História cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p.77

⁴ Grupo de pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba, campus III, criado em maio de 2009, formado por professores e alunos desta instituição, e posteriormente a partir de novembro de 2009 por alguns alunos voluntários do primeiro ano do ensino médio da EEEFM. Professor José Soares de Carvalho. Atualmente é coordenado pelas Profas. Dras. Mariângela de Vasconcelos Nunes e Marisa Tayra Teruya e tem por finalidade promover um diálogo entre as músicas presentes no cotidiano dos estudantes, investigando os discursos presentes nesta linguagem didática, buscando promover uma, proposta de ensino de história que os impulse a compreender o conhecimento histórico como algo significativo em suas vidas.

do ensino médio da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, situada em Guarabira. Posteriormente, analisamos, brevemente, o movimento de legitimação do gênero forró eletrônico, surgido entre 1990 e 2010, uma vez que, este estilo musical está muito presente nas falas dos estudantes entrevistados.

Metodologia

A pesquisa foi realizada na EEEFM. Professor José Soares de Carvalho, atualmente uma das maiores de Guarabira, com cerca de 2.000 alunos matriculados anualmente, distribuídos nos turnos da manhã, tarde e noite, possui também ensino regular e Educação para Jovens e Adultos- EJA, os alunos são provenientes da zona rural e da zona urbana também de outros municípios circunvizinhos.

Durante a pesquisa realizada na escola, de maio a dezembro de 2009, podemos observar que os alunos que moram mais distantes da mesma matriculam-se, comumente, nas turmas da manhã e da tarde. Apesar de não morarem no mesmo lugar, tais atores sociais apresentam algumas partilhas entre as quais a faixa etária, predominando alunos entre 11 e 20 anos, com exceção do turno da noite, neste estão inscritos alguns com idade superior a esta, em regra geral, pertencem a grupos de baixa renda.

Em nosso trabalho enfatizamos as turmas do primeiro ano do ensino médio desta instituição distribuídas nos horários da manhã, tarde e noite. Entretanto para nossa investigação, trabalhamos apenas com uma parcela dos estudantes entrevistados que aceitaram voluntariamente participar de nosso grupo de pesquisa, “Juventude, Música e História”.

Como procedimento metodológico, utilizamos questionários-entrevistas: um conjunto de perguntas formadas por questões objetivas e subjetivas em que investigamos dados relacionados aos lugares sócio-culturais dos alunos. Pesquisamos também seus espaços de identificação musical o que nos permitiu desenhar uma cartografia sonora de sua cultura musical: cantores(as) preferidos; bandas; interpretes; gêneros; estilos; ritmos, entre outros. Passo importante para podermos desenvolver uma

proposta de ensino de história que considere as músicas dos estudantes pesquisados uma forma de linguagem para a sala de aula e espaço de produção do conhecimento histórico, e ao mesmo tempo promotora de percepções que os façam se sentirem como arquitetos da história fazer e da história- conhecimento.

Resultados e Discussão

A partir de alguns resultados obtidos durante a pesquisa, compreendemos que a preferência musical dos alunos entrevistados girava em torno de bandas e cantores(as) do estilo, *Forró*, Pop Rock, Sertanejo, Axé e músicas religiosas: Roupa Nova, Bruno e Marrone, Jota Quest, Raça Negra, Padre Fábio de Melo, Aline Barros, Claudia Leite, NXZero e Ivete Sangalo. Entretanto, apesar do gosto eclético dos entrevistados a pesquisa preliminar mostrou que boa parte das bandas citadas era do gênero forró, mais especificamente forró eletrônico: Moleca sem Vergonha, Mala sem Alça, Saia Rodada, Limão com Mel, Garota Safada, Calcinha Preta, Forró do muído, Desejo de Menina, Aviões do Forró, entre outras. Compreendemos as músicas dessas bandas e cantores, em especial o forró eletrônico, como espaços de negociação das subjetividades dos estudantes entrevistados, levando em consideração que a linguagem musical possui um forte poder comunicacional ao traduzir os desejos e inquietações dos mesmos influenciando em suas ações cotidianas, sendo marcadora de indícios e vivências humanas em um dado contexto histórico, principalmente no que tange ao terreno das sensibilidades.

Forró Eletrônico: sons e ritmos de um novo cenário musical no nordeste brasileiro.

O forró eletrônico é uma invenção da última década do século XX, “se inspira na música sertaneja romântica(country music), no romantismo considerado brega e no axé music. As bandas de forró eletrônico são compostas geralmente por músicos e bailarinos, numa média de dezesseis integrantes”(SILVA, 2003. p. 110).

Podemos considerar a linguagem do forró eletrônico uma reelaboração do estilo de forró empreendido no nordeste brasileiro até a última década do século XX, pois esse assume um caráter completamente inovador adicionando em seus shows um visual eletrizante, estilizado, com muito brilho e iluminação. Nas gravações é muito comum a presença de equipamentos tecnológicos avançados, com destaque para o órgão eletrônico, que aparentemente substitui a sanfona, instrumento símbolo do forró empreendido por Luiz Gonzaga, considerado ícone do “forró tradicional”.

O forró eletrônico surge como uma novidade no mercado fonográfico brasileiro. Uma ideia que partiu da percepção do cearense Emanuel Gurgel, este desejando elaborar um novo jeito de produzir o forró dota-o de novos arranjos musicais, composições leves e irreverentes e uma maneira de dançar diferente.

A introdução dessas novidades no “tradicional gênero musical nordestino”, provocou-lhe uma nova denominação, passando a ser chamado de “forró eletrônico”, ou “oxente music”. Uma espécie de adequação sofrida pelo ritmo que já havia consagrado músicos e cantores expressivos da “cultura regional nordestina”.

Até então os instrumentos comuns utilizados na execução do forró tradicional eram: sanfona, zabumba e o triângulo. Pela proposta de Emanuel Gurgel, a nova versão do forró ganhou a presença de outros instrumentos, como a bateria, guitarra, contrabaixo, sax, píton, trombone, teclados e sintetizadores, transformando o forró em uma levada moderna e mais dançante. Era a estilização do forró, uma sofisticação que o tornava uma espécie de “técno-forró”.

Com todas essas modificações, Gurgel percebeu que poderia produzir e expandir sua idéia, tendo em mãos um produto de fácil aceitação e comercialização no mercado fonográfico. Dessa forma começa a investir e modificar tudo o que caracterizava o “antigo forró”, transformando até a produção de palco e apresentação dos músicos, tornando esses elementos em espetáculos grandiosos e sofisticados, com muito som e iluminação.

A primeira banda a ser produzida por Gurgel foi a Mastruz com Leite, e foi a primeira a fazer sucesso na capital cearense e no Brasil com a nova “roupagem” de seu idealizador. Com apenas duas músicas inéditas, a banda gravou seu primeiro material fonográfico apresentando uma novidade: pela primeira vez no Brasil, um conjunto

musical citava seu próprio nome no decorrer de cada canção. “*E o forró Matruz com Leite*”, era uma maneira de identificar e vender o nome da banda. A princípio essa forma de divulgação não foi bem aceita pelos músicos e gravadoras, mas hoje faz muito sucesso estando presente em todas as bandas de forró eletrônico do país.

Com o objetivo de divulgar o novo estilo, o empresário montou um poderoso sistema de rádios via satélite que levava seus produtos musicais para todo o país, a Somzoom Sat. Era um plano estratégico para criar uma estrutura capaz de divulgar as programações, anunciar os shows e tocar as músicas das bandas que foram sendo criadas ao longo da década de 1990. Hoje o forró eletrônico está presente em todos os estados e capitais do Brasil, divulgando o gênero em shows e apresentações tendo aceitação de grande número de pessoas principalmente do público jovem.

Cantando outro nordeste e tecendo uma nova linguagem para o ensino de História

Com a popularização do forró eletrônico a partir dos anos 90, as composições em torno do gênero assumiram uma linguagem completamente nova. Os inumeráveis discursos empreendidos por Luiz Gonzaga e seus admiradores em torno do “universo rural do homem sertanejo, seus dilemas na capital paulista, a seca no nordeste, a saudade de sua terra natal”, entre outros, responsáveis pela construção subjetiva de um imaginário sobre o nordeste e os nordestinos⁵, foram poeticamente sendo substituídos pela proliferação de enunciados em torno de uma geografia afetivo-sentimental que demarcava de forma mais íntima a subjetividade da pessoa que canta: seus sonhos, seus desejos, seu mundo afetivo, amoroso e sexual. Hoje bandas como Aviões do Forró, Calcinha Preta, Saia Rodada entre outras chegam a vender em torno de um milhão ou de discos por ano com músicas que tocam principalmente no universo amoroso e sexual de seus ouvintes, a exemplo da composição abaixo, citada pelos alunos entrevistados:

Sem Explicação

⁵ Sobre esta discussão ver: ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. Recife: FJN, Ed, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

Toda dor que me invadiu
Desde que você partiu
E fugiu de mim
Você fugiu de mim

Como posso acreditar
Nas frases lindas que você me falou,
Juras de amor

Não quero mais ouvir nenhuma explicação,
Você quer confundir meu coração

Sem mentir, eu acho que te amo,
Mas com tantas mentiras,
Devo me amar um pouco mais.

Sem mentir, eu acho que te amo,
Me deixe tirar suas dúvidas,
Deixa eu te amar um pouco mais..⁶

Essa verbalização em torno dos afetos através da linguagem musical não é uma prática recente, entretanto, podemos afirmar que os estudos em torno do mundo afetivo, no que confere ao campo da história é algo novo. A História Cultural das Sensibilidades, emergente no final dos anos noventa, trouxe legitimidade para o que (Veyne 1998, p.46) denominou de terreno do “não factual”. Historiadores cada vez mais preocupados em cartografar os medos, os desejos, as raivas, os humores, os amores, os sonhos, saudades, solidão, entre outras culturas afetivas no tempo.

A música dessa forma posiciona-se como linguagem do sensível tornando-se outra forma de apreensão e constituição do mundo, de acessarmos diferentes períodos históricos e capturarmos as teias de relações que se constituíram, enxergando as dinâmicas sócio-culturais, bem como cartografarmos as práticas culturais de diferentes sociedades.

O forró eletrônico, enquanto linguagem musical do tempo presente se constitui em tradutora das sensibilidades dos vários atores sociais, demarcando a configuração de um mundo afetivo-emocional que se caracteriza pela instabilidade e efemeridade de sua tecitura⁷. É uma linguagem bastante presente na vida dos mesmos, e possibilita acessarmos as tramas de seus cotidianos.

⁶ CALCINHA PRETA. **Sem Explicação**. Intérprete: Calcinha Preta. In. Calcinha Preta, vol. 20. Gravadora: Calcinha Preta. Ano: 2009. 1 CD. Faixa 12.

⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: A fragilidade das relações humanas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004.

Este gênero musical se constitui em um fragmento cultural do tempo presente, e como nos fala Marcos Napolitano, é necessária por parte de pesquisador em música a articulação entre o documento musical, “texto e o contexto” de sua produção (NAPOLITANO, 2005, p. 77), enxergando a música não como algo circunscrita em si mesmo, mas como parte de uma rede complexa de discursos constituintes de saberes e poderes sobre um dado tempo. Dessa forma, ao partirmos do pressuposto que as músicas do forró eletrônico são portadoras de discursos, enunciados, sobre o real, é necessário compreendermos que as mesmas foram construídas por indivíduos em um dado tempo e espaço, a compreendermos a partir de seu caráter de fabricação: pelas subjetividades que as produziram, e pelas que as consumiram atribuindo-lhes diferentes significados.

Quando um autor de uma música, fala de sua condição de seu contexto, usando palavras, expressões ou conceitos, temos nisso frestas, indícios para mergulharmos em um dado momento histórico. Dessa forma, as músicas trazem em si signos próprios da dinâmica de uma época, sendo constituídas e constituintes por/de opiniões. Torna-se importante, analisarmos esses discursos que as produziram, a historicidade que os tornou possível, os sentidos e significados presentes em sua produção textual, recortando, classificando, definindo os lugares e imagens presentes em seus discursos. Essa é uma linguagem, portanto revestida de uma infinidade de aspectos que podem ser analisados para contextualizarmos o momento em que foi produzida, consumida, reapropriada entre outras.

Conclusão

Ao utilizarmos a música como fonte de nossa pesquisa, compreendemos o seu potencial expressivo em flagrar de forma poética e melódica as tramas do nosso cotidiano, denunciando tragédias, conflitos e tensões ocorridas na história. Além de traduzir nossos desejos e inquietações influenciando em nossas ações cotidianas sendo marcadora de indícios e vivências humanas em dado contexto. O forró eletrônico como constituinte desta linguagem na vivência cotidiana dos alunos, possibilita ao professor de história acessar as sensibilidades do tempo presente, problematizando os discursos presentes nesta linguagem didática dialogando com os alunos a partir de sua própria

cultura musical, impulsionando-os a construção/análise do conhecimento histórico como algo prazeroso, conseqüente e significativo em suas vidas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: A fragilidade das relações humanas.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes.** Recife: FJN, Ed, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música-** História cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **Fontes Audiovisuais:** a história depois do papel. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005, pp. 235-289.

PESAVENTO, S. J. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades.** Revista *Nouveaux Mondes/Mundos Nuevos*, Paris, 2004.

_____. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Expedito Leandro. **Forró no Asfalto:** mercado e identidade sociocultural. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2003.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** 4º Ed. Brasília: Ed UNB, 1998.

CALCINHA PRETA. **Sem Explicação.** Intérprete: Calcinha Preta. In. *Calcinha Preta*, vol. 20. Gravadora: Calcinha Preta. Ano: 2009. 1 CD. Faixa 12.